

## Arteterapia como suporte terapêutico oncológico pediátrico

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.012-064>

**Maria Eduarda Pedroso Quero Rosa**

E-mail: [Marieduardapqr@gmail.com](mailto:Marieduardapqr@gmail.com)

**Ana Laura Schliemann**

E-mail: [prof.ana.laura@faesb.edu.br](mailto:prof.ana.laura@faesb.edu.br)

**Lucilia Grando**

E-mail: [lu.grando@hotmail.com](mailto:lu.grando@hotmail.com)

**Cristiano Rodrigues da Mota**

E-mail: [prof.cristiano.mota@faesb.edu.br](mailto:prof.cristiano.mota@faesb.edu.br)

---

### RESUMO

O processo de tratamento oncológico pediátrico muitas vezes é invasivo e acarreta em diversos prejuízos psicossociais na vida do indivíduo, trazendo grandes mudanças em sua rotina e percepção de si mesmo. A arteterapia por sua vez, proporciona um ambiente terapêutico e propício a uma exteriorização não verbal de sentimentos e pensamentos reprimidos, este processo funciona através de uma abordagem criativa e recursos artísticos. O objetivo do presente trabalho é identificar as publicações que envolvam a Arteterapia, a Oncologia pediátrica e a Psicologia, investigando os prejuízos trazidos pelo tratamento invasivo e compreendendo se a arteterapia poderia ser utilizada como suporte não medicamentoso. Utilizou-se como metodologia a Revisão Integrativa, tendo selecionado ao final da busca 10 artigos entre 2019 a 2023 que contemplavam os critérios necessários. Os resultados evidenciam que a Arteterapia, possui competência para contribuir de maneira positiva nas repercussões psicossociais causadas pelo tratamento invasivo, utilizando como estímulo a arte, a criação e a criatividade, no entanto, evidenciou-se também o pouco material publicado nos últimos cinco anos pela área da psicologia.

**Palavras-chave:** Psico-oncologia, Oncologia Infanto-juvenil, Arteterapia, Psicologia Hospitalar, Psicologia.

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (INCA), o câncer é caracterizado pelo crescimento desordenado de células, o que pode resultar na invasão de tecidos adjacentes ou órgãos distantes. Esse processo leva a uma rápida divisão celular, culminando na formação de tumores. O tratamento do câncer pode envolver diferentes abordagens, como quimioterapia, radioterapia, transplante de medula óssea ou cirurgia, podendo ser necessário combinar esses métodos (INCA, 2022).

Especificamente em casos de tumores na infância e adolescência, observa-se um crescimento mais rápido, menor período de latência e uma apresentação geralmente mais invasiva. No entanto, é importante ressaltar que esses tipos de câncer tendem a responder de forma positiva ao tratamento, o que resulta em uma maior probabilidade de um prognóstico favorável (Pereira, Nascimento, Cruz, Volc e Tormen, 2023).

Segundo a Lei nº 8069 (1990), considera-se criança o indivíduo de até 12 anos incompletos, enquanto a fase da adolescência compreende dos 12 até os 18 anos. Nesse sentido, o contexto após o diagnóstico de uma doença intensifica-se ainda mais quando se trata de oncologia pediátrica, pois isso pode confrontar o paciente com algo incomum e temido.

O processo do tratamento oncológico é frequentemente invasivo e doloroso, acarretando um grande peso emocional e psicológico para o paciente. Isso se deve à simbologia social e cultural associada ao diagnóstico, às mudanças hormonais e corporais, à exposição, à alteração da rotina e a vários outros aspectos que impactam negativamente a vida da pessoa em tratamento. Esse contexto pode levar a uma perda de identidade, sofrimento psicológico e danos em suas relações interpessoais e autoestima. Nesse sentido, é fundamental contar com uma equipe multidisciplinar e especializada, cujo objetivo seja diminuir os impactos causados pelo tratamento prolongado e minimizar ao máximo os possíveis danos à saúde mental e emocional do paciente, consequentemente proporcionando uma melhor qualidade de vida.

A patologia está culturalmente associada à dor, ao sofrimento e ao luto, definições inesperadas que crianças e adolescentes enfrentam, causando impacto em todos os aspectos de suas vidas. Isso traz consigo o medo do desconhecido e a frustração por não poderem vivenciar plenamente sua faixa etária. Assim como há dor e sofrimento, também existem uma variedade de tratamentos tradicionais e alternativos. Entre eles, destacam-se a psicoterapia, a terapia ocupacional e a arteterapia, que são o foco deste trabalho.

A arteterapia é um processo terapêutico que utiliza a linguagem artística como meio de comunicação e expressão, com foco na criação estética e elaboração artística para promover a saúde do indivíduo (União Brasileira de Associação de Arteterapia, 2019). Embora seja uma especialização

voltada para profissionais da saúde, há reconhecimento de sua prática em ambientes não clínicos por profissionais das áreas de artes e pedagogia (União Brasileira de Associação de Arteterapia).

Pode ser empregada como um dos suportes terapêuticos para enfrentar a doença e auxiliar na recuperação do paciente, dando destaque aos aspectos emocionais e sociais. Ela cria um ambiente lúdico que encoraja e orienta os indivíduos a lidar com a condição de maneira mais tranquila e digna. Este espaço proporciona uma segurança para expressar questões internas de forma verbal ou não verbal, contribuindo também para fortalecer os laços entre o paciente, seus familiares, amigos e profissionais envolvidos no processo. A abordagem é humanizada e individualizada, levando em conta a subjetividade e experiências individuais do sujeito.

A arteterapia teve suas bases inicialmente desenvolvidas a partir das teorias de Freud e Jung nas décadas de 20 e 30. No Brasil, sua introdução ocorreu no início do século 20, sendo fortemente influenciada pelo trabalho dos dois autores e pela psiquiatria. Destacam-se, nesse contexto de contributo, Osório César (1895 – 1979) e Nise da Silveira (1905 – 1999), ambos psiquiatras que incorporavam a arte como parte do tratamento de seus pacientes em instituições de saúde mental (Psicologia, Ciência e Profissão. 2014, p. 142-157). Essa abordagem construiu uma nova perspectiva sobre a loucura, enfatizando um cuidado humanizado e sensível à subjetividade do indivíduo. Isso permitiu que as pessoas criassem e elaborassem seus pensamentos e sentimentos, resultando em uma visível melhoria na qualidade de vida.

De acordo com Monteiro (2018), faz-se necessária a combinação de atividades excitantes, inibidoras e da regulação através da criação de novas cadeias naturais ou pelo fortalecimento ou enfraquecimento de circuitos pré-existentes para que o aprendizado ocorra. De acordo com o mesmo autor, que cita Hass Cohen e Findlay, a utilização de recursos artísticos e o estabelecimento de um ambiente acolhedor afetam as regiões cerebrais relacionadas à cognição, emoção e sensação, fundamentais para desencadear mudanças psicológicas. Essas práticas são vinculadas a um estado de adaptabilidade e resiliência alcançado pelo cérebro durante a arteterapia (Monteiro, 2018, p. 11).

Na Psicologia, a arte se apresenta como um forte mecanismo de autoconhecimento, fortalecendo habilidades do desenvolvimento humano como a comunicação. Também desenvolve a criatividade para ajudar o indivíduo a alcançar suas questões internas sem que as mesmas passem pelo processo de racionalização. Dito de outra forma, é através da criatividade que se abrange um contato mais direto para expressar fatores emocionais, construindo uma interação com questões subjetivas do ser sem que haja a necessidade da comunicação verbal (Reis, 2014).

Considerando o papel significativo da arteterapia na promoção do autoconhecimento e na expressão emocional, conforme discutido na literatura psicológica, surge a necessidade de investigar sua aplicação específica no contexto da oncologia pediátrica. Dado que a arte é reconhecida como um veículo eficaz para fortalecer habilidades de comunicação e explorar questões internas de forma não

racionalizada, torna-se relevante compreender como essa abordagem terapêutica pode contribuir para o bem-estar e a qualidade de vida de crianças e adolescentes em tratamento oncológico.

Nesse sentido, este artigo propõe uma revisão integrativa de estudos interseccionais entre arteterapia, oncologia pediátrica e psicologia, com o objetivo de avaliar a descrição dessa terapia como um suporte não medicamentoso para pacientes pediátricos com câncer.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

Para a elaboração deste artigo, adotou-se o método de Revisão Integrativa da Literatura (Souza, Silva & Carvalho, 2010), sob orientação da pergunta norteadora "Qual a utilidade da arteterapia como suporte terapêutico no tratamento oncológico pediátrico?". A escolha desse tipo de estudo se justifica pela capacidade de proporcionar uma compreensão abrangente do conhecimento atual sobre o tema a partir das evidências. A revisão integrativa permite identificar, analisar e sintetizar os resultados de estudos independentes que abordam o mesmo assunto (Souza, Silva & Carvalho, 2010).

O levantamento bibliográfico teve início em outubro de 2023 e conclusão em março de 2024, realizado nas bases de dados SciELO, PePsic, LILACS e BVS, com uso dos descritores em português selecionados com o objetivo de direcionar a pesquisa de forma precisa. Incluíram-se termos, como: psico-oncologia, arteterapia, oncologia, pediatria, arte e psicologia. Os dados apresentados neste estudo são referentes às publicações encontradas até março de 2024, de acordo com os critérios pré-estabelecidos.

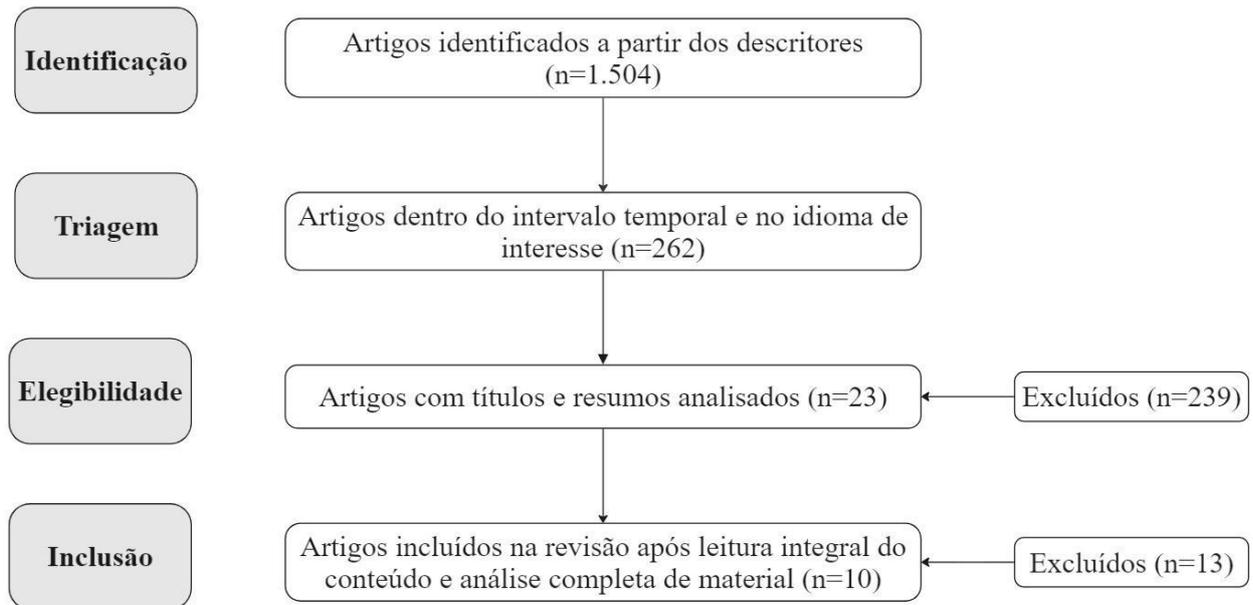
Incluíram-se nesta pesquisa, os artigos publicados nos últimos cinco anos (2019 a 2023) e exclusivamente em língua portuguesa. Foram excluídos estudos que não abordavam o desenvolvimento infanto-juvenil durante a hospitalização, os impactos do diagnóstico oncológico ou que não envolviam atividades de desenho e pintura. Para a análise, considerou-se a aderência ao tema proposto e aspectos como a metodologia empregada, os objetivos e a clareza dos resultados apresentados.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A princípio foram encontrados, somando o resultado de todos os bancos de dados pesquisados, um total de 1.504 artigos correspondentes aos descritores utilizados, no entanto apenas 262 se enquadraram no intervalo temporal e ao idioma de interesse.

A seleção dos artigos seguiu em 2 etapas, sendo a primeira a leitura dos títulos e resumos, onde restaram 23 artigos pré-selecionados, em sequência estas publicações foram lidas de maneira integral, por fim resultando em 10 estudos que contemplam os critérios necessários para a presente revisão, como demonstrado na Figura 1.

Figura 1: Fluxograma do processo de identificação e seleção dos estudos integrados à revisão.



Fonte: Rosa e Schliemann (2024)

Os artigos identificados ao final da seleção foram organizados em uma planilha, contendo informações como sua autoria, ano de publicação, título, tipos de estudo, amostragem, objetivo e principais resultados encontrados, como apresentado na Tabela 1.

**Tabela 1: Panorama descritivo dos dados coletados**

Análise Bibliométrica		Análise de Conteúdo		
AUTORIA, ANO E TÍTULO	TIPO DE ESTUDO	AMOSTRAGEM	OBJETIVO	PRINCIPAIS RESULTADOS
Figueira, S. M. M., & Gameiro, M. G. H. (2020). Vivências dos adolescentes com doença hemato-oncológica na fase diagnóstica: estudo de cariz fenomenológico.	Investigação empírica de tipo qualitativo	9 adolescentes em tratamento na unidade de oncologia	Compreender as vivências dos adolescentes com doença hemato-oncológica na fase diagnóstica	Vivência particular da doença oncológica. Perceberam o diagnóstico como uma ameaça aos seus planos e sonhos.
Fonseca, L. G. A., Panciera, S. D. P., & Zihlmann, K. F. (2021). Hospitalização em Oncologia Pediátrica e Desenvolvimento Infantil: Interfaces entre Aspectos Cognitivos e Afetivos.	Pesquisa qualitativa	5 crianças entre 4 a 9 anos de idade diagnosticados com leucemia e em acompanhamento em um ambulatório especializado em oncologia	Compreender de que maneira o processo de adoecimento por neoplasia infantil, hospitalização e tratamento são compreendidos pelas crianças, considerando sua etapa de desenvolvimento cognitivo de acordo com a perspectiva piagetiana	Todas as crianças participantes mostraram compreensão de sua situação de adoecimento e tratamento, apresentando diferentes formas de enfrentamento. Além disso, todas ressaltaram uma posição otimista em relação às perspectivas de cura, independentemente do momento do desenvolvimento cognitivo
Silva, T., Foger, D., & Santos, P. (2019). Despersonalização do Paciente Oncológico Hospitalizado: Uma Revisão Integrativa.	Revisão Integrativa da literatura	Não se aplica	Identificar alguns fatores que promovem a despersonalização durante a hospitalização	Identificou-se a perda de autonomia, a falta de comunicação e a fragilidade do relacionamento dos profissionais da saúde como alguns dos motivos que promovem a despersonalização
Pelisson, G. S., & Sei, M. B. (2023) Grupo com crianças e o uso de recursos artístico-expressivos: um estudo qualitativo Vínculo	Estudo Qualitativo	Não se aplica	Investigar o uso de recursos artísticos-expressivos em um grupo terapêutico que visava a expressão e compreensão das emoções	Os resultados indicam que o uso de recursos artístico-expressivos possibilitou a expressão de emoções, elaboração de vivências e melhora na comunicação, além de promover melhorias nas relações familiares e interpessoais
Costa VC, Melo NRM, Nascimento MML, Leão DBM, Nascimento CAD, Bushatsky M. Percepção do Adolescente frente à sua Condição de Adoecimento Oncológico. (2021)	Pesquisa exploratória e descritiva de abordagem qualitativa	13 pacientes oncológico na faixa etária de 12 a <18 anos de idade	Compreender a percepção do adolescente frente à sua condição de adoecimento oncológico	Os sentimentos vivenciados com olhar do adolescente, próprios da faixa etária, muitas vezes diferem do sofrimento da família e da equipe de saúde
Pereira CIP, Nascimento IB, Cruz AS, Volc SM, Tormen TH. (2023). Impactos Psicossociais e na Qualidade de Vida do Tratamento Oncológico em Crianças e	Estudo transversal e descritivo	25 pacientes pediátricos oncológicos de 8 a 18 ano	Avaliar em crianças e adolescentes com diagnóstico de câncer os impactos psicossociais, de qualidade de vida e da presença de acompanhante durante	O impacto psicossocial e na qualidade de vida é razoavelmente grande em pacientes pediátricos oncológicos. Além disso, os mais jovens parecem sofrer um impacto psicossocial maior. Os pacientes se dizem mais felizes com a presença de acompanhante, e mais ansiosos na sua

Adolescentes.			os procedimentos	ausência
Lopes NCB, Viana ACG, Félix ZC, Santana JS, Lima PT, Cabral ALM. Abordagens lúdicas e tratamento oncológico infantil (2020).	Estudo qualitativo, descritivo e exploratório	10 crianças com idades entre 6 e 12 anos acolhidas em uma casa de apoio	Demonstrar como, na percepção da criança acometida por câncer, as abordagens lúdicas contribuem para que ela enfrente o tratamento oncológico	As crianças disseram que acham importante brincar durante o tratamento e reconhecem que, ao brincar, vivenciam uma variedade de sentimentos, como felicidade e bem-estar, mas também raiva por sentir dor devido à condição de estar doente
Magalhães DMA, Magalhães GA, Grigorovski N, Figueiredo Junior I. (2022). Dinâmica da Implantação de Humanização no Serviço de Radioterapia Pediátrica Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, Brasil.	Estudo descritivo	Não se aplica	Descrever a dinâmica do processo de humanização utilizado	Uma relação de confiança foi estabelecida entre a criança, sua família e a equipe profissional. Maior adesão, redução do absenteísmo e aparente redução de anestesia para o tratamento foram os resultados constatados.
Campos, E. M. P; Rodrigues, A. L. & Castanho, P. (2021). Intervenções Psicológicas na Psico-Oncologia.	Revisão de Literatura	Não se aplica	Divulgar a Psico-Oncologia como área de conhecimento que ampliou as possibilidades de atendimento ao portador de câncer seu familiar e equipe de saúde	A psicologia vem ao longo dos anos criando e desenvolvendo vértices de observação e compreensão, bem como técnicas de intervenção para lidar da forma mais efetiva com esta realidade tão complexa que é a doença oncológicas e suas consequências
Pereira CIP, Nascimento IB, Cruz AS, Volc SM, Tormen TH. (2023). Impactos Psicossociais e na Qualidade de Vida do Tratamento Oncológico em Crianças e Adolescentes.	Pesquisa de delineamento transversal e descritivo	pacientes de 8 a 18 anos e diagnóstico de neoplasia maligna.	Avaliar em crianças e adolescentes com diagnóstico de câncer os impactos psicossociais, de qualidade de vida e da presença de acompanhante durante os procedimentos.	O impacto psicossocial e na qualidade de vida é razoavelmente grande em pacientes pediátricos oncológicos. Além disso, os mais jovens parecem sofrer um impacto psicossocial maior. Os pacientes se dizem mais felizes com a presença de acompanhante, e mais ansiosos na sua ausência

Fonte: Elaboração própria.

Os dez estudos selecionados revelam uma distribuição variada de publicações ao longo dos anos, com destaque para 2023 e 2021, que apresentam três artigos cada. Em contrapartida, 2020 conta com dois artigos, enquanto 2022 e 2019 registraram apenas uma publicação cada. Além disso, entre os artigos escolhidos, seis deles fornecem amostragens de indivíduos em tratamento oncológico.

Quanto à fase do desenvolvimento do indivíduo abordada, observamos uma distribuição equitativa: 33,3% dos estudos enfocam a adolescência, outros 33,3% concentram-se na infância, e os 33,3% restantes abrangem ambas as fases do desenvolvimento.

Os métodos de pesquisa utilizados nos estudos selecionados mostram uma diversificação significativa, destacando-se os estudos qualitativos, que buscam investigar os impactos psicossociais do tratamento nas experiências individuais de crianças e adolescentes hospitalizadas, totalizando cinco

artigos hospitalizadas (cinco artigos). Em sequência, observa-se a presença de estudos quantitativos (três artigos), sendo as revisões da literatura com a menor representatividade (dois artigos).

Os artigos complementam-se ao abordar as repercussões psicossociais do tratamento, ressaltando a súbita mudança na rotina após o diagnóstico, que resulta no afastamento da escola, dos amigos, da casa e dos familiares. Torna-se evidente que esse contexto impacta não apenas o aspecto biológico do indivíduo, mas também seus aspectos sociais e emocionais (Pereira, Nascimento, Cruz, Volc e Tormen, 2023). Durante a hospitalização, ocorre a despersonalização do sujeito diagnosticado, sendo este reduzido a um número de leito e, muitas vezes, apenas à doença que possui, com suas características individuais invisibilizadas (Silva, Fogger e Santos, 2019).

Já Fonseca, Panciera e Zhilmann (2021) mencionam as reflexões de Araújo (2004) para discutir os aspectos relacionados ao progresso na psico-oncologia pediátrica, destacando que esse avanço vai além das melhorias médicas para enfrentar o câncer. No entanto, há um consenso entre os pesquisadores sobre a necessidade de mais investigações nos aspectos psicossociais envolvidos no tratamento do câncer infanto-juvenil, conforme destacado por Menezes, Passareli, Drude, Santos e Valle (2007, Apud Fonseca, Panciera e Zihlmann, 2021). Em relação à Arteterapia, apenas um artigo foi encontrado, evidenciando a escassez de estudos sobre esse tema.

Pelisson e Se (2023) fazem referência a Sei (2011) para destacar o papel da arteterapia. Os autores argumentam que esse processo facilita a expressão de sentimentos e emoções por meio de recursos artísticos, servindo como um canal de comunicação não verbal. Perspectiva essa que está alinhada com a definição da União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT, 2019), que conceitua a arteterapia como uma abordagem terapêutica que valoriza a criatividade e a expressão artística. Essa prática auxilia na promoção, reabilitação e recuperação da saúde, além de prevenir agravos, possibilitando a comunicação não verbal de sentimentos e conflitos.

Apesar de ter sido publicado fora do prazo estabelecido para análise deste estudo, o artigo de Junior (2012), que se baseia no livro de Sei de 2011, ressalta a potencialidade da arteterapia como uma estratégia de intervenção terapêutica. O objetivo dessa abordagem é promover uma melhor qualidade de vida, utilizando materiais artísticos para alcançar esse fim. O texto destaca especialmente os recursos das artes visuais, descrevendo essa prática como "artística-expressiva". Além disso, Junior (2012) enfatiza que a Arteterapia facilita a compreensão da dinâmica individual e familiar do sujeito, estabelecendo-se como uma técnica valiosa para o tratamento em instituições. Essas ideias corroboram com as perspectivas apresentadas por Sei (2011).

De modo geral, os estudos analisados apontam para uma baixa quantidade de artigos que tratam da arteterapia como parte integrante do suporte terapêutico, junto a outras abordagens multidisciplinares. Mesmo entre os poucos materiais encontrados, observou-se na síntese de evidências



uma limitada conexão com a psicologia, sendo que esse tema foi predominantemente abordado no âmbito da enfermagem.

#### **4 CONCLUSÃO**

O tratamento oncológico pediátrico não se restringe apenas ao aspecto biológico, mas também impacta significativamente os aspectos social, emocional e de identidade dos pacientes. Portanto, é crucial adotar uma abordagem multidisciplinar que leve em consideração esses diferentes aspectos, visando mitigar os prejuízos causados pela internação e pelos tratamentos invasivos. Isso implica olhar para o paciente de forma integral, não apenas focando na doença, mas fornecendo recursos que permitam compreendê-lo e validar sua experiência.

Nesse contexto, a arteterapia emerge como uma técnica reconhecida na literatura clássica e de referência, oferecendo uma forma de comunicação que possibilita a expressão mesmo sem a verbalização do indivíduo. Ao estabelecer um ambiente propício à externalização de sentimentos e pensamentos, a arteterapia se torna um recurso especializado para o suporte terapêutico.

No entanto, é importante notar que, como suporte terapêutico no contexto oncológico pediátrico, a arteterapia tem sido pouco explorada nos últimos cinco anos pela literatura científica em língua portuguesa. Isso levanta questões pertinentes, como: Seria a arteterapia uma técnica subutilizada? O fato de a arteterapia não ser ensinada em cursos de psicologia poderia influenciar sua utilização? A oncologia pediátrica já reconheceu o potencial da arteterapia? Essas perguntas destacam a importância de revisões periódicas do material e de uma busca ativa por artigos em outros idiomas, visando ampliar o conhecimento sobre o papel da arteterapia no tratamento do câncer pediátrico.



## REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde. O que é o câncer?. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/o-que-e-cancer>

Brasil. Ministério da Saúde. Tratamento do câncer. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tratamento>

Campos, E. M. P; Rodrigues, A. L. & Castanho, P. (2021). Intervenções Psicológicas na Psico-Oncologia. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 29 (1) 41-47, Jan.-Jun., 2021

Costa, Vânia Chagas da et al. Percepção do Adolescente frente à sua Condição de Adoecimento Oncológico. *Revista Brasileira de Cancerologia* 2021; 67(4): e-211672. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/1672>. Acesso em: 13 maio. 2024.

Figueira, S. M. M.; Gameiro, M. G. H. (2020). Vivências dos adolescentes com doença hematológica na fase diagnóstica: estudo de cariz fenomenológico. *Revista de Enfermagem Referência*, 5(4), e20058. doi:10.12707/RV20058

Fonseca, L. G. A., Panciera, S. D. P., & Zihlmann, K. F. (2021). Hospitalização em Oncologia Pediátrica e Desenvolvimento Infantil: Interfaces entre Aspectos Cognitivos e Afetivos. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão* 2021 v. 41. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189238>

Junior, G. J. L. Resenha: Sei, M. B.(2011). *Arteterapia e psicanálise. Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 3, n. 1, p. 132-137, jun. 2012

Magalhães, D. M. A. et al. Dinâmica da Implantação de Humanização no Serviço de Radioterapia Pediátrica do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, Brasil. *Revista Brasileira de Cancerologia* 2022; 68(2): e-041662.

Philippini, A et al. *Cartilha Contribuições da Arteterapia para a Atenção Integral do SUS*. União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT), 2019.

Pelisson, G. S.; Sei, M. B. Grupo com crianças e o uso de recursos artístico-expressivos: um estudo qualitativo. *Vínculo - Revista do NESME, Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares*. vol. 20, núm. 2, 2023, Julho-Dezembro, pp. 116-127

Pereira, Cláudia Ignácio Pessoas et al. Impactos Psicossociais e na Qualidade de Vida do Tratamento Oncológico em Crianças e Adolescentes. *Revista Brasileira de Cancerologia* 2023; 69(3): e-123888

Reis, A. C. Arteterapia: A arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo. *Psicologia, Ciência e Profissão*. 34 (1), 142-157. 2014.

Silva, T.; Foger, D.; Santos, P. Despersonalização do Paciente Oncológico Hospitalizado: Uma Revisão Integrativa. *Revista Psicologia, Saúde & Doenças*, 2019, 20(3), 651-658 ISSN - 2182-8407

Souza, M. T.; Silva, M. D.; Carvalho, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8(1),102-106, 2010.